



Contestação tem aumentado em ano de eleições legislativas

Pré-avisos de greve no Estado aumentaram seis vezes

No setor privado também já mais do que duplicaram as comunicações de protestos durante o primeiro trimestre

Erika Nunes
erika@jn.pt

TRABALHO Os pré-avisos de greve no setor público aumentaram seis vezes e mais do que duplicaram no setor privado e empresarial do Estado, no primeiro trimestre deste ano face ao período homólogo do ano passado. O aumento da contestação laboral promete continuar a acelerar em ano de eleições legislativas e já a partir da próxima semana, com greves em cima da mesa de professores, enfermeiros, mo-

toristas de transporte coletivo de passageiros e motoristas de matérias perigosas, funcionários da CP, profissionais da administração local e dos registos e notariado, técnicos de veterinária, trabalhadores do comércio e da Petrolgal.

No primeiro trimestre deste ano, a Direção-Geral da Administração e do Emprego Público registou 146 pré-avisos de greve, que correspondem a seis vezes mais do que os 23 do mesmo período do ano passado. Até ao final de abril, aquele valor já

tinha aumentado para 190. A vasta maioria (100) corresponde ao setor da Educação, estando em vigor pré-avisos de greve setoriais para cada dia, separadamente, por vezes enviados por sindicatos diferentes, até 17 de maio inclusive.

Segue-se o setor da Justiça, com 45 dos pré-avisos deste ano na Função Pública, muitos dos quais relativos às greves de profissionais da Polícia Judiciária, entretanto desconvocadas. Os funcionários judiciais também convocaram greves em dias

SINDICATOS

317

associações ativas

Até ao fim de março, estavam ativos 317 sindicatos, 30 federações sindicais, 41 uniões sindicais e sete confederações, de acordo com dados da Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho.

2937

dirigentes

Durante o ano passado, foram 2937 membros de direção de associações sindicais em Portugal, dos quais 2144 homens e 793 mulheres, segundo dados de género recolhidos pela Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho.

diferentes e em tribunais ou serviços diferentes, contribuindo para ampliar a dimensão dos protestos a nível estatístico. Estão, ainda, em vigor pré-avisos dos juizes, ao ritmo de uma greve por mês até setembro, e dos trabalhadores dos registos e notariado, para maio e para agosto. A Saúde é o terceiro setor com mais pré-avisos de greve no Estado (18), principalmente devido aos enfermeiros, mas também aos técnicos de diagnóstico e terapêutica e médicos.

No setor privado ou empresarial do Estado, a Direção-Geral do Emprego e das Relações do Trabalho contabilizou 275 pré-avisos de greve no primeiro trimestre deste ano, que representam mais do dobro dos 122 do mesmo período do ano passado. Só através de despachos de serviços mínimos é possível saber as greves marcadas para os próximos dias: hoje, até às 6 horas na Petrolgal e todo o dia para os trabalhadores do comércio, escritórios e serviços nos hospitais privados; e das 19 horas de 5 de maio às 10 horas do dia 19 de maio dos trabalhadores das empresas de transportes rodoviários de pesados de passageiros. ●

AGENDA

Ameaça voltar

Será porventura uma das greves mais temidas por todos, após o início de caos em três dias. Os motoristas de matérias perigosas ameaçam voltar à greve a 7 de maio.

Transportes no Norte

Os trabalhadores de transportes rodoviários e urbanos do Norte estão em greve desde as 19 horas do próximo dia 5 até às 10 horas do dia 19 de maio para os distritos de Aveiro, Vila Real, Bragança, Braga, Viana do Castelo e Porto.

Comércio fechado

Hoje é dia de greve para os trabalhadores do comércio, em luta pelo pagamento dos feriados e descanso obrigatório em domingos e feriados.

“Independência política” é bandeira dos novos sindicatos

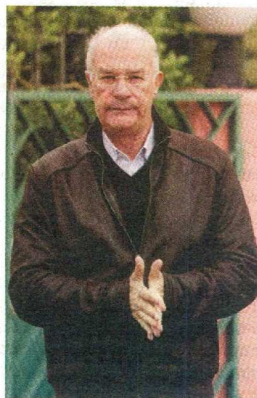
Disposição para formas de luta radicais advém da “falta de resposta” das estruturas tradicionais

Ventos de mudança

ARMÉNIO CARLOS E MAIS SETE SAEM POR LIMITE DE IDADE

O secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos (na foto), e outros sete dirigentes sobem hoje pela última vez ao palco do 1.º de Maio, em Lisboa, porque deixam a direção em janeiro de 2020, por limite de idade. Arménio Carlos, Deolinda Machado, Ana Avoila, Carlos Trindade, Augusto Praça, João Torres, Graciete Cruz e Fernando Jorge Fernandes deixam a comissão executiva da Intersindical no próximo congresso da central sindical, que se realiza em janeiro de 2020, porque já não podem cumprir outro mandato. É que a CGTP tem um limite de idade para o acesso aos corpos sociais da central.

As comemorações decorrem em todos os distritos e nas regiões autónomas e incluem concentrações e manifestações, provas desportivas e eventos culturais e de convívio. O ponto alto será a manifestação de Lisboa, com partida do Martim Moniz, e comício na Alameda.



UGT COMEMORA DATA HISTÓRICA NA CIDADE DE BRAGA

Este ano, a UGT assinala o 1.º de Maio em Braga. As comemorações da central sindical iniciam-se às 12.30 horas, com a abertura da Exposição organizada pela FNE “Era uma vez o 1.º de Maio”, seguindo-se a animação com vários grupos musicais.

As intervenções político-sindicais do secretário-geral da UGT, Carlos Silva e da presidente, Lucinda Dâmaso, bem como do presidente da Câmara Municipal de Braga, Ricardo Rio, e do presidente da UGT-Braga, César Campos, estão agendadas para as 15.40 horas.

O PS estará representado por Ana Catarina Mendes, secretária-geral adjunta, entre outras figuras do partido. O PSD e o CDS-PP também estarão representados no evento marcado para o Parque de São João da Ponte, em Braga.

Alexandra Figueira
afigueira@jn.pt

TRABALHO Independência, de centrais sindicais e de partidos. A reivindicação de novos sindicatos como o de Todos os Professores (STOP), a Associação Sindical de Enfermeiros (ASPE) e o Sindicato dos Motoristas de Materiais Perigosos (SNMMP). Criados há pouco, as suas greves monopolizaram a atenção do país. Saber se este é o início de um novo sindicalismo, porém, dependerá do seu grau de sucesso.

“É a realidade”, diz o presidente Marcelo Rebelo de Sousa, referindo-se a movimentos inorgânicos como os criados aquando dos incêndios e aos novos sindicatos. As mudanças nas relações laborais desafiam os parceiros económicos e sociais a reajustarem-se, discorre.

Este “espaço de oportunidade política”, nas palavras do professor da Faculdade Economia Coimbra, Hermes Costa, está a ser aproveitado pelos novos sindicatos, “hábeis a manusear as redes sociais”. Os sindicatos tradicionais “terão que se adaptar a novas lógicas”.

CAPACIDADE DE REGENERAR A UGT vê os novos sindicatos como prova da capacidade de regeneração do movimento sindical. “É bom que quem não se sente representado pelas estruturas atuais, o procure dentro do movimento sindical. Prefiro isso a movimentos inorgânicos”, diz Carlos Silva.

“Não há” uma alteração de fundo no movimento sindical, assegura Arménio Carlos: “Nos anos 90 dizia-se que os sindicatos iam acabar, mas estão reforçados.” Hoje, “é fácil fazer uma revolução ao teclado”, mas o âmago da atividade sindical está dentro dos locais de trabalho – papel que reclama para as estruturas tradicionais.

Arménio Carlos lamenta



ANDRÉ PESTANA SINDICATO DE TODOS OS PROFESSORES (STOP)

Apesar de desconhecido do público, convocou a primeira greve às avaliações, no ano passado



LÚCIA LEITE ASSOCIAÇÃO SINDICAL DE ENFERMEIROS (ASPE)

A par do Sindicato Democrático dos Enfermeiros (Sindepur, filiado na UGT), convocou a primeira greve prolongada às cirurgias, em 2018



PARDAL HENRIQUES SINDICATO MOTORISTAS DE MATERIAS PERIGOSAS (SNMMP)

Mal foi criado, convocou a greve que mostrou que um setor com 800 pessoas pode parar o país

que as lutas da CGTP “nem sempre sejam mediatizadas” e garante ser tão contestatária hoje quanto no passado. Ou seja, não “foi de férias” por o PCP apoiar o Governo.

“GREVES FOFINHAS”

A filiação dos sindicatos tradicionais às centrais e, por sua vez, a proximidade das centrais a blocos partidários, todavia, é invocada como uma justificação para os novos sindicatos.

“Não temos qualquer tendência política, zero”, diz Lúcia Leite (ASPE). “Vamos continuar independentes de centrais e partidos”, afirma Pedro Pardo Henriques (SNMMP). Para André Pestana (STOP), os sindicatos tradicionais “representam outros interesses que não os dos professores”, mas abre a porta a que os associados proponham uma filiação.

Os três dão o mesmo motivo para criação de um sindicato: a insatisfação com os representantes tradicionais. “Estávamos cansados de greves fofinhas”, sumaria Lúcia Leite. E não era possível regenerá-los. André Pestana candidatou-se ao Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, mas assegura que os estatutos estão “blindados”. A crítica é comum: os dirigentes eternizam-se nos cargos e perdem de vista o que é estar no posto de trabalho.

Sem representação no sindicalismo e seguros que as formas de luta tradicionais não defendiam os seus interesses, avançaram com greves prolongadas, pensadas para causar o maior impacto possível, com o menor custo. “Não são greves desproporcionadas, mas inteligentes”, diz André Pestana.

Só o tempo mostrará a sua eficácia ou se as estratégias seguidas acabaram por retirar força ao movimento sindical. Será essa a medida que determinará o seu futuro, diz o investigador do ISCTE Monteiro Fernandes. ●